Aventuras e Desventuras

Agnaldo Morato

2014 ® by Agnaldo Morato
Direitos em Língua Portuguesa **(reservados ao autor** pela Editora Veloso em 2014)

Capa: O autor
Editoração Eletrônica: Eliosmar Veloso
Revisão: O autor

Contatos com o autor:
Facebook, You Tube, Twitter

FICHA CATALOGRÁFICA

000	MORATO, Agnaldo –
AVEagn	Aventuras e Desventuras
11.531	Gurupi-TO: Editora Veloso, 2014
	132p.
	Conteúdo. 1. Contos - 2.Literatura brasileira.
	1. Título

ISBN: 978-85-63593-04-7

CDD – 000-B869

Direitos reservados exclusivamente ao autor. Qualquer trabalho deste livro pode ser usado livremente, desde que seja citada a fonte. Os infratores estarão sujeitos às penalidades previstas na Lei Nº 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

Capítulo I

O Início

Ele era jovem, corajoso, determinado. Havia deixado a casa dos pais cedo, pois decidira que venceria na vida, que iria atrás do próprio sustento. Gostava de sair, ir às festas, mas não tinha dinheiro. Ficar dependendo do pai não era fácil, o velho tinha o suficiente para o sustento da casa, mas não sobrava para aquilo que os mais abastados chamam de mesada. Ele tinha que correr atrás do seu próprio sustento e não pestanejou. Partiu em busca do seu intento. Mandou-se para Brasília. Chegou ainda jovem na cidade grande, lugar que só conhecia de ouvir falar, mas entendia que o seu futuro estava ali.

Pelo seu pai, ele nutria um grande respeito e admiração, amava o pai à sua maneira. O velho era bacana com os filhos, trabalhava e ensinava a trabalhar. Tinha criação de animais na pequena terra onde habitavam, extraia da terra o alimento que iria abastecer

as despensas da casa humilde, mas acolhedora. Na pequena cidade faziam as compras que iriam complementar as necessidades da casa. O dinheiro provinha da venda de alguns animais, da criação e do que se colhia. A família era grande, o casal tinha dez filhos e ele era um dos mais novos. A mãe era dona de casa. Cuidava dos afazeres domésticos acompanhada das filhas que a ajudavam nas tarefas. Lavar as roupas, passar o ferro à brasa, fazer o café bem cedo, pois os homens pegavam cedo no trabalho. Fazer o almoço que não poderia passar da hora. O pessoal tinha muita fome, pois a vida era dura.

Pela mãe, ele tinha muito amor, era a sua heroína. Ela cuidava muito bem da família e todos naquela casa nutriam um grande amor por ela. Quando partiu deixou um pedaço do seu coração para trás, mas precisava ir, tinha sonhos e eles não estavam ali. Estavam provavelmente em Brasília, iria se aventurar na capital federal.

* * *

Chegando à Brasília

A vida na cidade grande não era nada fácil. Custo de vida alto, muitas coisas para fazer, mas com pouco dinheiro ou quase nenhum para gastar, complicava ainda mais. Bom emprego para quem não tinha estudo, uma formação profissional, parecia algo distante. Morar!? Só na periferia da cidade. O emprego era no Plano Piloto, assim denominado a área central da capital federal (Brasília), mas morar, só nas cidades satélites ou no entorno, onde o dinheiro dava para pagar o aluguel. Este era o lema: andar cerca de uma hora de ônibus de

casa até o trabalho. Levantar-se cedo, preparar a marmita (era o almoço), trabalhar o dia todo e à noite voltar para casa. Esta era a rotina. Trabalhar muito, andar muito de ônibus e ganhar pouco. Difícil à vida para o jovem que queria vencer na vida. Mas ele era persistente. Era duro na queda e não se rendia frente às dificuldades que a vida lhe impunha. Namorador, não perdia a oportunidade diante de uma bela garota. Nem sempre era correspondido, mas sempre acabava encontrando alguma pretendente para preencher o seu agitado coração.

Década de 1970, Brasília estava longe de ser esta cidade gigantesca que se tornou hoje. O Plano Piloto e oito cidades satélites eram o que existia e algumas cidades do entorno do Distrito Federal. A principal avenida comercial era a W3. Era ali que todos se encontravam. A torre de TV era uma grande atração e as festinhas era lugar de diversão para o pessoal tanto no Plano Piloto como nas cidades satélites. Quem veio do Norte e Nordeste sempre apreciava um forró. O Carnaval rolava na W3, os shows de músicas aconteciam em vários locais e, à festa dos estados, era uma tradição na cidade. Com a força que não se vê hoje. Realmente Brasília era uma fantasia. A vida era dura, sofrida, mas valia a pena estar ali.

Ele não era um galã, mas também não era feio, era um rapaz de boa aparência, gostava de dançar um forró. Fim de semana quando tinha folga, não deixava de comparecer às casas de forró da região. E foi em um destes passeios que ele conheceu Sarah. Uma nordestina, bem alinhada, esguia e que dançava muito bem. Sarah era jovem, solteira e gostava de se divertir saindo com as amigas, dançar um forró, tomar uma cervejinha e descontrair. A rotina semanal também era dura para ela que trabalhava em casa de família.

Quando deixou o Maranhão com destino à capital federal também trazia na bagagem um sonho. Um sonho de vencer na vida, ou pelo menos melhorar suas condições, já que, de onde viera, não conseguira trabalho e muito menos estudo.

A esperança e a disposição alimentavam aquela moça e a impelia a seguir, e, quem sabe, um dia voltar e reencontrar os seus familiares que lá ficaram e levá-los um pouco de conforto além de matar a saudade que era muita.

Ele a observava enquanto dançava com alguém na festa.

− Será que eles são namorados? - Comentou com um dos seus colegas de noitada.

− Não sei... Talvez. Respondeu o colega. − Mas também podem estar só dançando, a música está boa e você já dançou algumas, mas pelo jeito ainda não se interessou por ninguém.

− Bom, parece que as meninas não estão muito interessadas e não insisti, mas aquela, se me quiser, terei a minha noite realizada.

Acabou a música e Sarah foi se sentar à mesa com suas colegas, seu companheiro de dança não a seguiu, não eram namorados e não parecia que ia acontecer mais nada além daquela simples dança. Ele se animou.

− Na próxima vou convidá-la para dançar, comentou.

− Vai. Disse o amigo. − Você parece animado!

Começou uma nova música, daquelas boas que ele adorava, mas quando se preparava para chamar a moça para o salão, alguém se aproximou primeiro e fez o

convite. Ele não gostou, mas, para a sua felicidade, a moça recusou. Ele seguiu, mas em dúvida.

– Por que será que ela recusou? Será que vai querer dançar comigo? - Pensou. – Bom, só saberei se convidar.

E partiu em direção à moça.

– Olá, quer me dar o prazer desta dança? Indagou.

A moça sorriu, apesar de um pouco cansada, estava a fim de se divertir e se engraçou com o cavalheiro bem apessoado que a convidara e partiu para o salão.

Enquanto a música tocava, os dois dançavam, acertaram o passo direitinho e conversavam. Depois de algum tempo dançando, resolveram sentar-se. Ele a convidou para a mesa em que estava com o amigo. Ela viu que a sua amiga estava com um papo animado com um rapaz que conhecera na festa e que o amigo do Paulo, (este era seu nome), estava dançando também e resolveu aceitar. A conversa soava animada, os dois tinham coisas em comum: eram jovens, nordestinos e estavam na capital em busca de uma vida melhor. A conversa evoluiu e os dois iniciaram um namoro. Ali na mesa rolou o primeiro beijo. Ele estava feliz, a garota mais bonita da festa agora era sua namorada. Não sabia onde isto iria parar, mas estava muito feliz com sua a conquista.

E ela se mostrava também muito à vontade ao seu lado. Até o final da noite, dançaram bastante e namoraram. A alegria era o cardápio da noite. O seu amigo também se acertou com uma bela moça que conheceu na festa e tudo era só alegria. A noite foi maravilhosa!

* * *

Eles moravam na asa sul. Ele na sobreloja da comercial onde trabalhava e ela na casa da patroa. O patrão resolveu arrumar na parte de cima da loja, um lugar para ele morar. Melhorou muito, pois saiu do aluguel e ficou junto do local de trabalho. A semana era corrida, mas os dois sempre achavam um tempinho para estarem juntos. Estavam apaixonados e eram ainda jovens, com toda uma vida para viver e aproveitar.

O tempo passou, o namoro esquentou e ela engravidou. Um dia percebeu que a sua menstruação estava atrasada. Ficou preocupada, não estava preparada para ser mãe e imaginava que o Paulo também não estava preparado para ser pai. Uma criança não estava nos planos. E agora? A menstruação atrasada, ela era regular. O que fazer? Decidiu comentar com o namorado. Ele ficou surpreso com a novidade, mas disse que poderia não ser nada, apenas um atraso que pode ocorrer, mas, que se fosse um filho, teriam que criá-lo. Porém, ela deveria procurar um médico para ver qual era a real situação. E assim ela o fez. Procurou um médico e foi confirmada a gravidez. Não era indesejada, mas inesperada.

Voltou ao Paulo e lhe contou a novidade: era verdade, eles seriam pais. Paulo ficou em silêncio, ele gostava muito da moça, mas adorava a vida de solteiro, casamento não estava em seus planos, ainda mais tão cedo.

− Bom, a coisa agora mudou um pouco, uma vida está a caminho e temos que repensar a nossa situação; ela muda com esta novidade.

– Como assim? - Sarah indagou. Ela era uma mulher de muita personalidade e criaria o filho nem que fosse sozinha.

– Você mora na casa da patroa, eu moro na sobreloja em um espaço pequeno só para uma pessoa. Já que o restante é ocupado pelo dono da loja que me deixa morar aqui porque, além de funcionário, somos amigos. Não temos onde morar. Com o tempo a barriga começará a crescer e como será a reação da sua patroa quando souber que está grávida? - Indagou.

– Dona Cora é uma pessoa muito boa, um coração muito grande, não será problema. - Respondeu ela.

– Eu sei, mas a situação agora é outra. Faremos assim então: você continua na casa da sua patroa e eu aqui. Com o tempo vamos decidir o que fazer.

– Você não me ama? - Perguntou Sarah desconfiada.

– Muito, por quê?

– Tive a impressão de que não gostou muito da situação.

– Não é isto, apenas estou surpreso e, confesso, totalmente despreparado para esta novidade.

Vinte e um anos ele tinha, muito cedo para constituir família, ainda mais com o salário que ganhava, mas a situação estava criada e naquela época, década de 1970, era complicado engravidar uma moça de família e não se casar. E ele era um homem responsável, tivera uma educação rígida e não podia fugir à regra.

– Temos ainda um tempo para nos organizar é isto que quero dizer. Fica como está até arranjarmos um

cantinho para dividirmos o mesmo espaço. Concluiu Paulo dando-lhe um beijo caloroso.

Ele a amava e ela também, mesmo sendo um amor juvenil.

Ele a acompanhou até em casa, já conhecia dona Cora e sua família, era um pouco arredio, mas às vezes dava uma subidinha até o apartamento e tomava um cafezinho. Mas, nesse dia, não quis subir, estava um pouco emocionado e preferiu se despedir lá embaixo do bloco mesmo.

Antes de ir embora quis saber se ela iria contar para a patroa.

− Sim. - Respondeu. − Conversarei com ela.

Ele se despediu com um abraço e um beijo e se foi. Ela subiu. O dia tinha sido carregado. Gravidez, conversa com o namorado, futuro incerto. Mas, estava tranquila. Sabia que era uma pessoa decidida e fosse qual fosse a situação que viesse pela frente, não temeria, confiava em si mesma e sabia que nunca iria se prender a ninguém que não fosse uma pessoa que a deixasse feliz e realizada.

Capítulo II

VIDA A DOIS

Seis meses depois, os dois estavam morando no Gama, cidade satélite de Brasília. Resolveram morar juntos, formar uma família e aguardar a chegada do bebê. A casa era simples, mas o aluguel estava dentro do orçamento.

Aos poucos foram montando a casa e não demorou muito, já tinham o essencial para viverem ali. Ele continuava trabalhando na loja e ela na casa da Dona Cora. A vida estava um pouco mais difícil. Agora tinham que acordar muito cedo para não chegarem atrasados ao trabalho, ela com a barriga cada vez maior, e as despesas aumentando. Mas, o casal se mantinha firme trabalhando, saindo sempre que possível para se divertirem juntos e felizes.

Davi seria o nome do menino caso fosse do sexo masculino, se fosse do sexo feminino, ainda não sabiam, mas aguardavam tranquilamente a chegada do rebento.

Outubro de 1977, Sarah sentiu que a hora do parto estava chegando. Avisou a Paulo que a bolsa havia se rompido e que estava chegando a hora. Era por volta das seis da manhã e Paulo tinha que levá-la ao hospital. Ele não tinha carro, mas tinha *algum* guardado para emergências e chamou um taxi. Próximo da sua casa havia um vizinho taxista, acionou-o que de pronto atendeu e Sarah foi levada ao Hospital do Gama, onde deu entrada e ficou internada para o parto.

Davi nasceu no dia 16 de outubro de 1977. Era um garoto bonito, saudável, pesava 3,8 kg e tinha 50

cm. Nasceu de parto normal em um parto onde tudo correu bem.

Dois dias depois Sarah teve alta e pôde voltar para casa com o seu Davi. O Casal era só felicidade! Sarah de licença cuidando do menino em casa e Paulo trabalhando, agora como nunca, pois tinha mais uma boca para alimentar.

Ao término da licença maternidade, Sarah teria que voltar ao serviço e começaram as dificuldades. Não tinha com quem deixar o bebê quando saia cedo para o trabalho. Experimentou levá-lo. Conversou com Dona Cora que não fez objeção, afinal, Sarah era uma moça muito trabalhadeira e sempre cumpria bem com as suas obrigações, não poderia deixá-la na mão em um momento como este. Logo bem cedinho, o casal se levantava, arrumava o bebê e ia para o trabalho. Funcionou por um tempo, mas a própria Sarah sentiu o desgaste daquela rotina. Estava muito difícil para ela conciliar o trabalho com cuidar do bebê, e não era aquilo que ela tinha vindo buscar na capital federal.

No Maranhão, ela teria uma vida melhor, teria a família próxima para ajudar a cuidar do bebê, e o que ela conseguia com o seu salário de doméstica, ela também conseguiria por lá, já que coragem para trabalhar nunca lhe faltou e agora acumulava a experiência do tempo que viveu na capital federal. Se for para continuar naquela vida, preferia voltar para a sua terra natal.

Resolveu que deixaria o emprego e ficaria em casa cuidando do bebê e dos afazeres domésticos pelo menos até que ele tivesse uma solução para o caso. Conversou com Paulo que lamentou um pouco a decisão já que o salário que ela ganhava faria falta no orçamento